Araguaia Meu Brasil

Itamar Correia

SEM PERDER A TERNURA

Durante muito tempo tentou-se sepultar, a poder de censura e repressão, um pedaço da História deste país. Foi um pedaço curto, o que durou menos de cinco anos, talvez, no início da década passada — mas foram anos de coragem, de desprendimento, de patriotismo, de um lado, e de muita brutalidade, do outro. Falo da Guerrilha do Araguaia, da decisão de um grupo de brasileiros de tentar iniciar a libertação do país pela força, começando por dentro, pelas tripas do país, pela mata fechada da Amazônia goiana e paraense. Não cabe a mim — pelo menos agora e aqui — julgar o acerto ou equívoco da decisão dos que para lá foram para lutar e morrer por suas idéias. "Se tudo aquilo não passou de um sonho", diz Itamar Correia, "pior seria não ter sonhado".

Alguém já disse que a História é escrita pelo vencedor. Desmentindo a frase, os vencidos da Guerrilha do Araguaia começam a escrever **a sua** História — até porque a dos vencedores, até agora, não passou de uma dúzia de lacônicas "notas oficiais". Seja através de reportagens, seja por depoimentos na primeira pessoa, escritos por quem sobreviveu ao Araguaia, a verdade começa a emergir aos olhos da população que, durante a luta, quase nada pôde saber do que se passava naquele pedaço do Brasil.

Agora vem Itamar Correia, esse jovem poeta, músico e cantor goiano, contar e cantar a saga do Araguaia. Eu ouvi Itamar Correia pela primeira vez no começo deste ano, no aniversário do programa "Osmar Santos", em um auditório de São Paulo. E ouvir a canção "Xambioá" foi suficiente para saber que ali naquele palco estava um artista de talento e um combatente na luta contra a ditadura. Não podia ser maior minha gratificação, por-

tanto, quando Itamar entrou na minha sala de trabalho com um maço de folhas datilografadas debaixo do braço, pedindo-me para fazer o prefácio deste "Araguaia meu Brasil", que reúne as letras das canções que ele apresenta pelo país a fora no espetáculo com o mesmo nome.

Eu entendo de música rigorosamente o mesmo tanto que os 120 milhões de brasileiros — ou seja, entendo muito. E é com este ouvido tecnicamente mal educado mas afinado com a voz do povo que digo que a música de Itamar Correia é da melhor qualidade. Boa como música, gostosa de ouvir, e boa como comprometimento com a vida de seu povo, de sua gente, com a desgraça que se abateu sobre o Araguaia, e que continua até hoje, sob a forma de opressão e de fome.

Em "Araguaia meu Brasil", Itamar Correia lembra os melhores momentos de um Geraldo Vandré, e ressuscita um gênero que a direita brasileira tentou matar pela ridicularização — a canção de protesto. Sem perder o romantismo, sem deixar de falar da saudade e da paixão, ele mantém, ao longo de suas letras, a sua ligação com a maioria. "Foi na música e nos movimentos de massa que eu acreditei", diz ele a certa altura do livro.

Sem ufanismo falso e até com momentos de autocrítica, Itamar Correia reconta e relembra a luta no Araguaia numa linguagem que certamente conseguirá atingir uma parcela do povo que não pôde lê-la em livros e jornais, a linguagem universal da música. Minha esperança é de que, ao ler este livro, algum editor de discos se sensibilize com o talento de Itamar e ajude a ampliar o espectro dos que precisam saber o que se passou em Goiás há tão pouco tempo.

FERNANDO MORAIS

Obra anterior do autor:
''Vivo em Goi'' — Editora Oriente — Goiânia, 1978
Livro sobre o seu trabalho musical e poético de parceria com o poeta goiano Leonardo Carmo.

FICHA CATALOGRÁFICA

V614a Viana Filho, Itamar Correia
Araguaia meu Brasil.
Goiânia, Unigraf, 1981.
Capa de Martins.
76 p.

1. Música popular goiana.
I. Título.

CDU-784.4(817.3)

10,00
02/22

Araguaia Meu Brasil

Itamar Correia

Capa: Martins Vieira Júnior
Fotografias: Du Ribeiro
Revisão: Baltazar Seabra
Walter França
Diagramação e Arte final: Jairo Valle

Reservados os direitos
de reprodução e tradução
para todos os países

Copyright by
Itamar Correia Viana Filho

Unigraf
Av. 24 de Outubro nº 1240 — Campinas
Goiânia — Goiás

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Agradecimentos

aos amigos:

Luiz Gonzaga Soares,
Gilson Antônio Mundim,
Júlio César Pimentel

ORDEM DO LIVRO

Dedicatórias 9

INTRODUÇÃO 17

ARAGUAIA MEU BRASIL
O pique 25
Asas e raízes 27
Rio 29
Araguaia meu Brasil 31

VIOLA CAIPIRA
Ubá 35
Tracajá 37
Tainaracan 39
Luar de fogo 41
Viola Caipira 43

CABOCLO DA PRIMAVERA 47

REVOADA
Desaparecido 51
Xambioá 53
Capim Cheiroso 55
Herança 57
Revoada 59

CANTIGA BOA 63

CANDANGO DE MIM
Campos de paz 67
Dama da noite 69
Tocantins 71
Velho Goiás 73
Candango de mim 75

Tá faltando alguém que ainda é vida
Tá faltando alguém, jamais partiu
Tá faltando alguém que hoje é cada um de nós
Tá faltando alguém que hoje nos uniu

Homenagem
ao amigo de infância
Marco Antônio Dias Baptista
assassinado pela repressão em Goiás
aos 15 anos de idade.

Dedico a:
James Allen
Ismael Silva
Honestino Guimarães
Paulo Celestino
José Porfírio
Divino de Souza

e a todos os brasileiros,
que pela mesma forma, ou
de outras, foram atingidos
pelo autoritarismo instalado
no nosso país.

Araguaia Meu Brasil

Para Cristina
e nossos filhos
Yuri, Ludmila e Janaína

INTRODUÇÃO

Fiz este livro porque a idéia de um mundo melhor, onde as pessoas possam viver em paz, sempre esteve presente nas minhas aspirações desde a minha adolescência, quando comecei a curtir os primeiros acordes no violão e a participar das primeiras manifestações de rua em Goiânia.

Isto foi a partir do dia em que o povo queria deitar na Praça Cívica, para que os tanques e os caminhões, vindos de Brasília, não depusessem o Mauro — governador do Estado.

Eu era moleque. Dei um jeito de sair de casa e corri até a praça pra deitar no chão também. Ajudei o povo a xingar bem alto os aviões de caça que faziam vôos rasantes sobre as nossas cabeças. Todos gesticulavam mandando o piloto tomar no cu e gritavam, filhos duma égua!... vão embora!...

Foi neste clima que eu vi o céu goiano assustar com avião.

Foi neste clima que eu vi o chão goiano assustar com caminhão.

Naquela noite, as camas não ficaram debaixo e nem perto das janelas. Todos esperavam por uma bala, que penetrasse no quarto.

No outro dia, o povo teve que sair da praça e o governador, do palácio.

Lembro-me bem quando o oficial, que levou o comunicado de cassação do governador, começou a ser esbofeteado e acabou quebrando um dos vidros da portaria do Palácio das Esmeraldas, ao perder o equilíbrio.

A Praça que era Cívica passou a ser Militar.

Eu não sabia que depois daquele sufoco muitos iriam padecer.

Fui pra casa. Fui sentindo que estava surgindo uma coisa nova na minha cabeça. Foi entrando pela minha visão, e em cada história que ouvia, minha alma se contorcia, e doía a minha aflição.

Mas com tanta dor que sentia, criança buscando a razão, sentia em cada momento profunda transformação.

No cheiro vindo da rua, na imagem da confusão, vi qual no poço mais limpo, onde eu ia ver lambaris, que algo mais grandioso, havia nascido em mim.

Vi que tanta metranca na rua, e que tanta arma e canhão não pôde espantar a consciência, pousada no meu coração.

Aquele ano me fez despertar. E despertei vendo o golpe de 64 atuar na rua e dentro da minha casa, desempregando e prendendo o meu pai.

Naquela época já estavam acontecendo no mundo inteiro as grandes transformações no meio da juventude, que se sentia cansada de tantas injustiças, guerras e violências, que nada mais acrescentavam de interessante na vida das pessoas.

Lembro-me das primeiras caronas, as calças apertadas, as primeiras camisas vermelhas, os cabelos compridos, festinhas e violões. Tudo isso acontecia, e por outro lado a gente se organizava em grupos de estudos, que mais tarde seriam os responsáveis pelas movimentações estudantis de Goiás, em 1968.

Minha opção pela música e pela política não foi apenas uma revolta pela canalhice que aprontaram com meu pai. É claro que aquilo contribuiu sem dúvida, mas foi também uma opção pela vida.

Tudo que ofereceram para a nossa juventude, pra mim, estava gasto. Todas as feridas abertas pelos ditadores latino-americanos, teriam que ser tratadas de outras maneiras. A nossa postura tinha que ser modificada, e foi na música e nos movimentos de massa, que eu acreditei.

Este trabalho é para todas as pessoas que tiveram na sua juventude a preocupação de se colocar perante o mundo, de uma forma mais bonita e criadora que aquelas impostas pelo nosso sistema autoritário de vida.

Se agora trago a lembrança de Marcos e de tempos já vividos para este trabalho, é porque nós acreditávamos que iríamos transformar o mundo, ou pelo menos o nosso pedaço de terra, num mundo de paz, igualdade e felicidade para todos.

Queríamos fazer uma revolução. Embora os nossos caminhos tenham sido diferentes, a nossa intenção era a mesma.

Depois do Ato Institucional nº 5 eu parti para a loucura, e como o Marcos, a maioria dos amigos do movimento

estudantil entraram para a luta armada. Um dos nossos erros foi nos isolarmos da população. Mas o nosso preço foi bem pago. O sistema dominou a luta armada e consumiu a loucura.

Se tudo aquilo não passou de um sonho, pior seria não ter sonhado. As nossas vitórias estão edificadas, por incrível que pareça, nas nossas derrotas também.

Perdemos irmãos, amigos, parentes, filhos, dinheiro, saúde, esperança, prazer, mulheres, amantes, empregos, costumes, créditos, e muitos a própria vida.

Não importa. O importante é que não perdemos a nossa dignidade. Acreditamos que podíamos fazer um mundo melhor e fizemos a nossa parte. Eles venceram. Mas, conseguir ganhar o poder não basta. Tem que saber dividi-lo. Tem que saber humanizá-lo.

ARAGUAIA

Chamo a atenção para o Araguaia, porque nesta região concentrei uma parte das minhas inspirações poéticas durante a década de setenta, nos meus trabalhos musicais.

Fui atraído para a região, não só pela sua beleza.

Foi por lá que alguns amigos foram tragados pelas águas, ou, só Deus sabe, abocanhados pela pirarara.

Foi por lá que aconteceram as histórias do navegador Couto de Magalhães, suas epopéias pela região Centro-Oeste, e seus sonhos fascinantes.

Esse homem transportou em carros de bois, as peças de um navio a vapor desmontado, durante dois anos pelo pantanal mato-grossense, do rio Paraguai até chegar em Leopoldina, na margem oeste do rio Araguaia.

Contestou as leis da natureza subindo uma corredeira com um navio rebocador a vapor, vindo do Pará. Tudo isso, porque em 1868 ou no século passado, ele começou a integrar o Brasil da Bacia do Prata ao Amazonas pelas águas dos rios. Tinha os cálculos de quanto as províncias do Império ligadas à região, lucrariam e economizariam com a realização do seu plano. Por um período ele conseguiu realizar o seu sonho, porém, foi totalmente hostilizado pelos goianos, quando tentou mudar a Capital da Província de Goiás, de Vila Boa para Aruanã, nas margens do Araguaia e Rio Vermelho.

Neste rio, nas cidades de Alto Araguaia e Santa Rita

eu pude atravessar com um passo e pisar nos dois Estados, Goiás e Mato Grosso, ao mesmo tempo.

Ali, ele e seus peixes ainda não possuem o gigantismo de suas proporções, porém, o mesmo não cabe para os conflitos sociais. Estes possuem a mesma proporção por toda a sua extensão, desde a cabeceira até a confluência com o Tocantins, variando um pouco nas características, e ligeiramente na intensidade, em relação aos índios, posseiros, grileiros, fazendeiros, agricultores, multinacionais, a fauna e a flora.

É um absurdo que ainda hoje, líderes sindicais da região continuem sendo assassinados e espezinhados, juntamente com seus companheiros e suas famílias.

Por mais que tentam organizar planos e projetos para solucionar a problemática indígena, parece que tudo não passa de uma armadilha, para acabar de vez com os verdadeiros donos dessa terra.

Essa tentativa de deserdar-nos, estende-se violentamente sobre todas as famílias de posseiros, espancadas e constantemente humilhadas por bandos de jagunços e bandidos, contratados por grupos econômicos e fazendeiros, que não moram na região, e não têm nada a ver com a sua cultura e o seu povo.

O Araguaia é um rio que retrata o interior brasileiro.

Quando matam um posseiro, quando trapaceiam um índio, quando destroem nossas reservas ecológicas e florestais, estão destruindo e trapaceando todo povo brasileiro e o Brasil.

Acredito na vida do interior. Acredito no interior que não é aquele dos Coronéis. Acredito no interior, visto como a perspectiva da cidade grande. Inevitavelmente a nossa vida será prejudicada se o interior for prejudicado.

É nesse rio que estourou a guerrilha, na região denominada Baixo Araguaia, no sul do Pará e norte de Goiás.

A minha participação nesta luta foi como observador. Foram muitos os oportunistas e grandes grileiros, que souberam tirar proveito da situação. Qualquer posseiro, ou o vizinho de terra mais fraco era delatado às autoridades como colaborador da guerrilha, e essas imediatamente, facilitavam para os mais poderosos, a evacuação das áreas de terras que eles estavam grilando. Trama que até hoje funciona.

Vi os primeiros comunicados censurando as rádios em Goiânia, de qualquer notícia sobre as operações anti-guerrilheiras, no norte do Estado.

Ninguém podia saber de nada. Nem os nossos amigos que estavam como recos nos quartéis, sabiam o que estava acontecendo, quando foram deslocados para as manobras e movimentações de tropas, no norte do Estado.

Naquele tempo, todo mundo já tinha perdido o contato com o Marcos. Ninguém sabia por onde ele andava. Não esqueço das angústias do Waldomiro a procura de uma pista, que o levasse ao irmão. Duros dias foram todos estes anos para a vida da família.

Não vou citar todas as versões, ou todas as hipóteses do que possivelmente teria acontecido com ele. Ficarei com a minha opinião.

De todas as notícias, a mais certa, é que foi visto em Porto Nacional — norte de Goiás — pela última vez. Ele estava indo pra Xambioá para entrar na guerrilha do Araguaia, e nunca mais ninguém ouviu falar dele.

Este livro não é para apurar os fatos e muito menos para julgar os seus assassinos. É uma homenagem a um amigo, e uma lembrança do seu desprendimento, em defesa do nosso povo e dos nossos ideais, que ele tanto abraçou. Abraçou ainda adolescente e precocemente pagou com a vida, conforme revelações feitas a sua mãe por um médico da sociedade goianiense que viu Marcos preso, com vida, e posteriormente torturado até a morte.

Digo assassinos, porque matar um prisioneiro, um homem rendido, é assassinato.

Digo assassinos, mas esta palavra é muito pouco, para qualificar esta atrocidade, tratando-se de uma criança de quinze anos de idade.

Não me importa se o Marcos morreu na guerrilha, não me importa se foi preso no norte. Não quero a pessoa que o matou.

Quem matou Marcos não foi apenas um. Quem o matou foi o autoritarismo. Quem o matou foi a ditadura. Quem o matou foi a repressão.

Todos nós que pensamos num mundo melhor, temos a morte rondando ao redor.

A repressão incumbiu-se de atuar sobre os nossos companheiros.

Esta mesma repressão, que se veste de várias maneiras, tentou boicotar o meu trabalho no Teatro Goiânia, quando fiz o show ''Araguaia meu Brasil'', no dia 24 de junho de 1980, em homenagem a Marcos, cortando os pneus dos carros ali estacionados, intimidando o público com o corte de energia, e como se não bastasse, apareceram pessoas

com revólveres na cintura andando pelos camarins. Mesmo assim, fiz a minha homenagem e realizei o show, totalmente no escuro.

Tocaram comigo os músicos: Gilson Mundim — flautas, e Júlio Pimentel — percussão. Devido a dedicação destes dois amigos, pude apresentar o trabalho em Cuiabá, Recife e São Paulo.

O trabalho felizmente dispensava os recursos eletrônicos. O que não quer dizer que não necessitamos deles. Pelo contrário, quanto melhor pudermos elaborar a nossa arte, mais rica ela vai ficar. Sempre trabalhei com poucos recursos técnicos, porque no interior, a nossa condição de trabalho é pequena.

Entre trabalhar e ficar parado, preferi o trabalho. Graças à vontade de criar, consegui elaborar um bom material a partir dos instrumentos acústicos que possuímos.

Nossos pequenos recursos, me deram condições de montar um bom trabalho musical na região. Consegui fazer uma produção aberta, sem ter a obrigatoriedade de limitar-me aos ritmos regionais.

Meus trabalhos sempre estiveram ligados a uma proposta universal. No entanto, jamais perdi a noção crítica da nossa terra e suas contradições.

Este livro, além de homenagear o Marcos e a região do Araguaia, é uma forma que encontrei de conversar comigo sobre a guerrilha do Araguaia, e mostrar com estas letras de música, um pouco da parte literária do meu trabalho musical.

Itamar Correia
São Paulo, 1º de junho de 1981

ARAGUAIA MEU BRASIL

''Aonde morre um homem livre
os bichos morrem também''

O PIQUE

O pequi
O mato
A picada
No pique
Eu faço
A estrada

A fruta
O vento
A jornada
Na floresta
Invento
A morada

O campo
A luta
Danada
Na terra
A labuta
Traçada

O pão
O suor
O caminho
No pão
Suado
O espinho

O pau
O campo
A mata
No rio
A esperança
Armada

ASAS E RAÍZES

Para o poeta Carlin Ribeiro

Vinde comigo
Meu companheiro
Há uma porta
Uma saída
Uma revolta
Adormecida
Uma verdade
Mais que vivida
Que a cidade
Não vai esquecer

Levo comigo
A guerrilheira
Beleza viva
Nossa trincheira
Fala de vida
Cor brasileira
Herança negra
Índia cabocla
Dia após dia
Sempre a renascer

RIO

O rio
O frio
Arde o sol minha pele
Eu sinto o vazio

O rio
Vazio
Terra de sangue e suor
E opressor doentio

Grileiros
Traiçoeiros
Fazem a desgraça do povo
De um rio inteiro

Companheira por favor
Me deita na beira da praia
Ferroada de arraia
Só sara com amor

Cure a minha tortura
Estrela das noites escuras
Me envolve na sua quentura
Doçura de gente te amo onde for

O rio
Não pára
Traz o encanto das águas
Que a nada compara

O rio
Prepara
Pro malfeitor uma paga
O conto da Uiara

ARAGUAIA MEU BRASIL

Amantes rolam na areia
Areia solta no ar

Águas que nos divertiam
Nelas irmãos combatiam

O Araguaia é o meu Brasil
Quanta gente ali sumiu

Rolando nas ribanceiras
Passarinhos, tracajás
Mortandade incontrolável
Lamentável de olhar

O Araguaia é o meu Brasil
Quánta gente ali sumiu

Aonde morre um homem livre
Os bichos morrem também
Nas matas sou homem livre
Se me matarem também

O Araguaia é o meu Brasil
Pátria livre quem te viu

VIOLA CAIPIRA

''Quem vive lá no cerrado
não é dono do seu chão''

UBÁ

Iê ubá
Iê Iê ubá
No rio
Ubá
Iê Iê ubá

Canoa vai
No rio Tocantins
No Araguaia
Berço de amor
Pra mim

Iê ubá
Iê Iê ubá
No rio
Ubá
Iê Iê ubá

TRACAJÁ

Tracajá rolou na areia
Areia do Araguaia
Vai morrer numa fogueira
Na beirada de uma praia

Se alimentou o índio
Na barriga não estraga
Se tá no bucho do branco
Foi queimado só pra farra

Tracajá rolou na areia
Areia do Araguaia
Vai morrer numa fogueira
Na beirada de uma praia

Quem ainda não viu Goi
De Goiás não sabe nada
Vai morrer de dor que dói
Com a cabeça enganada

TAINARACAN

Tainaracan
Estrela linda da estrada
Tainaracan
Estrela minha morada
Tainaracan
Estrela da minha terra
Tainaracan
Estrela prima pousada
Tainaracan
Estrela que toca em mim
Tainaracan
É a mais brilhante sim

LUAR DE FOGO

Lua de fogo
O seu beijo é um tesouro
Coração

Lua de fogo
No Araguaia tem mais pouso
E amplidão

Lua de fogo
O seu corpo acende todo
De paixão de tesão meu coração

Me alegra ser menino
Pra você poder brincar
De mãos dadas pequenino
Te beijando ao luar

VIOLA CAIPIRA

Há muito tempo
Os homens de decisão
Prometem um mundo mais rico
E penetram no sertão
Mas cada passo
Cada investida no mato
Concentra a pobreza na estrada
E a riqueza em poucas mãos

É esquisito
Tamanha contradição
Quem vive lá no cerrado
Não é dono do seu chão
Fala mais forte
Quem manda de sul a norte
Mata o índio e traz a morte
Aos posseiros do sertão

Então eu lembro da viola caipira
Das congadas e catiras
Que eu pude ouvir e ver
Do vovô Nôca, pagodeiro e dos bão
Da quermesse mais bonita
Linda festa de São João

Por onde anda aquele passarinho
Que vocês viram dentro da televisão
Xoxô meu amor já avoou
O seu coração fechou
Pro homem depredador

CABOCLO DA PRIMAVERA

Para o poeta Thiago de Mello,
caboclo que tanto me sensibilizou
quando passou pelo Planalto Central.

CABOCLO DA PRIMAVERA

Venceremos essa guerra
Como chega a primavera
Nas matas vivem raízes
Do povo da nossa terra

Construir a primavera
Com o cheiro que vem dela
Cheiro de um povo esquecido
Tão sofrido e ainda vivo

Dividir nossas riquezas
Nossa terra por igual
Isso acaba com a tristeza
Mata a fome expulsa o mal

Primavera do meu povo
No seu cheiro se ajuntam
Animais e outros seres
Que de amor se fecundam

Ajuntar nossas origens
Cheiro e força de obreiros
Disso nascerá o novo
Coração para os guerreiros

Disso nascerá o jovem
Guerrilheiro brasileiro

REVOADA

"Quem só via fortuna
chora na solidão
pois será obrigado
a dividi-la com seus irmãos"

DESAPARECIDO

Tá faltando alguém na nossa vida
E não é numa cadeira
Tá faltando alguém na nossa vida
E não é de brincadeira

Tá faltando alguém na nossa rua
Não sumiu por culpa sua
Tá faltando alguém na nossa escola
E não é pra bater bola

Tá faltando alguém na nossa mesa
Isso é uma tristeza
Tá faltando alguém que sumiu criança
Ficou sem par a contradança

Apenas fotos nos jornais
Desaparecido no cartaz
Aqui brotou uma semente
Que reproduz eternamente

Dizem os mais desesperados
Foi-se uma bucha de canhão
Se esquecem que a nossa luta se renova
Em cada sangue de um irmão

Tá faltando alguém que ainda é vida
Tá faltando alguém, jamais partiu
Tá faltando alguém que hoje é cada um de nós
Tá faltando alguém que hoje nos uniu

XAMBIOÁ

Xambioá
Mata virgem, escura, foi lá
Que no meio do mato
Um amigo de infância
Tentou começar

Ah! Foi por lá
Onde o povo sofreu pra contar
Como um jovem sozinho
Valia por trinta
Em qualquer lugar

Eh! Araguaia
Rio manso pra se navegar
Quando o braço da gente
Abraça a nascente
E o novo raiar

Eh! Marabá
Altamira, Estreito, olhem lá
Ainda brilha até hoje
A vida do povo
Que morreu por lá

Êi! Meu irmão
Você fez renascer o sertão
E o maior contingente
Não viu o tamanho
Do seu coração

Pedra não pára o caminho
Fogo não queima o luar
Eu já não canto sozinho
Canto em Xambioá

CAPIM CHEIROSO

Capim tá cheiroso gostoso
Eu também vou cheirar
Capim tá cheiroso do cio
Vida nova no ar
Capim tá cheiroso na ceia
Eu também vou ceiar
Capim tá queimando a cadeia
Eu também vou queimar

Eu vou lançar
Minha jangada no mar
Minha canoa no rio
Sou navegante sadio
Canopus é um navio
Que navega no ar

Ar natural
Ar do Planalto Central
Ar de Helenira e Jandira
De Trombas e Paraúna
Terra de Mário Juruna
Meu cacique ideal

Capim tá na boca do gado
Na do povo não tá
Capim tá na boca do lobo
Na do povo não tá

HERANÇA

Vento
Pelos cerrados
Mata
Céu de Goiás

Sonho
Fonte da vida
Vida
Verdes gerais

Dizem
Da sua infância
Pouca coisa restou

Digo
Da sua lembrança
Vida nova ecoou

Dizem
Da sua história
Nada há pra contar

Digo
A sua esperança
Na gente há de ficar

Herança
De sol e de estrada
Criança
De luta e de amor

Vingança
Mudança de vida
Mudança
Sentença sem dor

Sem ódio
Sem toques de guerra
Transforma o mundo
Em amor

REVOADA

Ainda tenho coragem
E sangue no coração
Não se iluda que ainda
Eu sou o dono deste sertão

Você leva o dinheiro
Mas não tem nada não
Eu traço a sua morte
Poupando os calos à sua mão

Berrante vem o dia
Vejo como um clarão
Dia de revoada
De alegria por este chão

Quem só via fortuna
Chora na solidão
Pois será obrigado
A dividi-la com seus irmãos

CANTIGA BOA

''Aqui vive um povo de preço caro''

CANTIGA BOA

Na beira do rio
Rio Araguaia
Na beira da praia
Ela cantava e rodava a saia

Ai... que cantiga boa
A pele morena fala de amor
Dentro da canoa

Finda a madrugada
Nuvens coloridas
As rajadas lindas vindas do sol
Na praia brilhavam

Ai... que cantiga boa
A pele morena fala de amor
Dentro da canoa

Amo as morenas
Também sou amado
Aqui vive um povo de preço caro
E eu não me esqueço
Que entre a natureza
Linda do lugar
Dividir a terra em partes iguais
É melhor que há

Cabocla cheirosa
Canta sem parar
Que a beira do rio em dia de festa
Ainda vai virar

Ai... que cantiga boa
A pele morena fala de amor
Dentro da canoa

CANDANGO DE MIM

''Eu sou sertão brasileiro
eu sou candango de mim''
Para o poeta Leonardo Carmo

CAMPOS DE PAZ

No sertão da minha terra
Do bicudo e o curió
Nas estrelas quando caem
Traço planos pra nós dois
Quando chega a madrugada
No horizonte a brincar

No sertão da minha terra
De boiadas a passar
Onde o verde é mais viçoso
Que outros verdes do lugar
Vendo a chuva quando cai
E a poeira abaixar

No sertão da minha terra
De meninos a brincar
Pelas grotas, pelos rios
Nos trieiros a cantar
Trago o cheiro do seu corpo
No meu corpo a se espalhar

Ai! corredeira
E o mar, e o mar, e o mar
E o mar, pra onde vais?
Espero o retorno das águas
Em campos de paz pro sertão

DAMA DA NOITE

Ai meu amor
Mas que cheiro tão cheiroso
Quanto mais te beijo
Menina fico manhoso

Um cheiro no cangote
Na cabeça um cafuné
Quero o teu chamego
Menina moça mulher

No meu coração brotou
A rosa que ela plantou
Dentro dele bate a vida
Quando beijo o meu amor

TOCANTINS

Tocando a brisa a canoa
Tocando o barco a vida voa

Numa lancha voadora
Que se chama voadeira
E tem barulho no motor
Eu vejo o caudaloso
Como é forte presunçoso
E de leito assustador

Nas suas formosas águas
Banhando pobreza e riqueza
Me sinto puro e tão limpo
Quando o barro dos barrancos
Envermelham os meus pés

Me pinto como um pintado
Me boto assim como um boto
Nestas águas a nadar
Farejo rastros pegadas
Sou como onça pintada
Roncando mais que o motor

Cavalcante, Miracema
Pedro Afonso, Imperatriz
Formosa nunca me deixe
Te querer menos que eu quis

VELHO GOIÁS

Para meus pais

Ao atravessar
O Paranaíba
O seu corpo vai
E o coração fica
Bem depois da ponte
Olhando pra trás
Sumiu no horizonte
O céu de Goiás

Quando o corpo vai
E o coração fica
Sua alma chora
E o peito palpita
Que felicidade
Ao voltar pra trás
E pisar o chão
Do velho Goiás

CANDANGO DE MIM

Eu faço amor pela praia
Eu brinco dentro de mim

Eu canto o rio Araguaia
Eu canto o meu Tocantins

Eu ando numa canoa
Pelo céu azul sem fim

Eu canto cantiga boa
Que alivia a dor em mim

Eu quero a água da fonte
Um papa capim eu sou

Criando um novo horizonte
Nas terras por onde eu vou

Eu sou Avá Canoeiro
Eu sou um Parintintin

Eu sou sertão brasileiro
Eu sou candango de mim

Este livro é mais uma vitória
da produção independente.

Composto e impresso nas oficinas da
UNIGRAF
Terminado em julho de 1981

O Araguaia é o meu Brasil
Quanta gente ali sumiu!